

# O meu contributo para o Hospital de Crianças do Norte

*Carmona da Mota*

Quando o objectivo do Centro Materno Infantil do Norte (CMI) era integrar o Hospital Maria Pia (HMP) e o Serviço de Pediatria do Hospital Geral de Stº António (HSA) na Maternidade Júlio Dinis, não me preocupei — era como se se fundisse o Hospital D. Estefânia (HDE) com a Maternidade Alfredo da Costa. Tudo ficava próximo de um grande Hospital Geral (o HSA).

Seguia-se o modelo de Lisboa — duas grande unidades centrais de Pediatria — o Hospital de Stª Maria (HSM) e HDE. O S. de Pediatria de Gaia era o equivalente do do H. S. Francisco Xavier.

Agora, que pretendem levar o CMI para o Hospital S. João (HSJ), a situação é muito diferente bem como os problemas; tudo se passa como se levassem o HDE para o HSM.

A ser assim, a assistência hospitalar pediátrica do grande Porto ficará polarizada num grande Departamento central (CMI/HSJ) com três serviços de Pediatria de média dimensão (HSA, Gaia e H. Pedro Hispano em Matosinhos). Não me parece a melhor solução.

As crianças da zona Norte necessitam de uma unidade de cuidados hospitalares muito diferenciados (terciários); a percentagem das que de tal necessitam é pequena mas o número e a complexidade é grande e crescente.

Esta unidade deverá ser instalada muito próximo, mas separada, dum grande Hospital Central de adultos (e de uma Maternidade central), para uma melhor gestão de recursos partilháveis e para facilitar os indispensáveis contactos pessoais.

Deverá ser uma instituição independente para assegurar um espírito de corpo e evitar a inevitável tendência à menorização e o risco de anexação pelo vizinho gigante. Essa independência (não só técnica e administrativa mas geográfica, física e financeira) é indispensável para manter o espírito de equipa e responsabilizá-la pela gestão dos meios; é também, por paradoxal que pareça, a melhor maneira de facilitar a partilha de recursos nas áreas onde se não justifique a duplicação. Um grupo hospitalar.

Bons muros fazem bons vizinhos.

O figurino actual (o CMI do HSJ) preocupa-me. Para além da compreensível relutância de muitos médicos (e outros técnicos) do HMP em serem transferidos para um Hospital estranho e que sentem que a memória do “seu” hospital se dissolve numa entidade estranha até há pouco tida como rival, o futuro Departamento de Pediatria do HSJ herdaria o maior problema crucial dos actuais Hospitais e Serviços de Pediatria (centrais e distritais) — a urgência inundada de casos que não necessitam cuidados hospitalares o que compromete a diferenciação e frustra os pediatras que, peritos em áreas muito especializadas, se vêm obrigados a assegurar, 24 horas por dia e 365 dias por ano e sem solução à vista, tarefas que lhes não competem em acumulação ou em competição com aquelas para as quais são o último recurso.

Penso que o milhão de crianças do Norte merece e necessita, mais do que um enorme Departamento de Pediatria do HSJ, de um Hospital terciário de Pediatria perto dum grande Hospital Central de adultos do Porto — o HSJ ou o HSA, desde que o H. de crianças seja independente.

Esse hospital de crianças assumiria as valências mais diferenciadas da Pediatria (hospitalar e ambulatoria, nomeadamente um Centro de Desenvolvimento) de que se não justifique a dispersão; aqui também se aplica o princípio da subsidiariedade.

Articular-se-ia com todos os S. de Pediatria do Norte (no grande Porto, com o Departamento do HSJ, os Serviços do HSA, de Gaia e de Matosinhos e do IPO) e com as respectivas unidades de Neonatologia incluindo a da Maternidade Júlio Dinis/CMI.

Não teria urgência aberta ao público; o respectivo acesso bem como às consultas especializadas seria sempre mediado pelos Serviços de Pediatria (ou por pediatras independentes).

Seria o “Hospital for Sick Children” ou o “H. des Enfants Malades” do Porto para as crianças do Norte; que poderia continuar a chamar-se Maria Pia.

Deste modo, os actuais Serviço/ Departamento de Pediatria do HSJ e HSA ficariam menos especializados — com o que beneficiariam tanto as famílias das crianças menos gravemente doentes que habitassem os respectivos arredores, como os estudantes de Medicina e de Enfermagem e até os internos de Pediatria, que ali fariam parte da sua formação.

Nesta perspectiva, o actual programa funcional do CMI teria que ser revisto.

Não me pronuncio sobre o futuro da Maternidade Júlio Dinis.